

ABREU, A.R. de P. **O avesso da moda**; trabalho a domicílio na indústria de confecção. São Paulo, Hucitec, 1986.

A instauração do capitalismo como sistema dominante de produção não se resume na concentração de capital, homens e máquinas em fábricas. O trabalho de Alice Rangel de Paiva Abreu, ampliando e aprofundando a análise do processo de trabalho em um determinado setor da produção — a indústria de confecção —, insere-se na corrente que enfatiza que o desenvolvimento capitalista das sociedades subdesenvolvidas permite a persistência de outras formas de organização da produção, procurando entender, ao mesmo tempo, a dependência que se estabelece entre elas e o capital.

Mas este trabalho vai mais longe, em vários sentidos. Ao revelar as costuras invisíveis do avesso da moda produzida em confecções para butiques no Rio de Janeiro, a autora toca em pontos nevrálgicos de três dimensões de uma forma de organização do trabalho que, até agora, têm sido raramente analisados em profundidade: a questão do chamado “mercado informal” do trabalho, a questão do trabalho feminino e da inserção da mulher no mercado informal e a do universo doméstico de um determinado segmento das classes populares.

O desenvolvimento capitalista no setor da indústria de confecção não destruiu totalmente as formas produtivas anteriores. Pelo contrário, o que se constata é uma readaptação dessas formas, que já não podem mais ser chamadas propriamente de “arcaicas”, integrando os produtores independentes na divisão de trabalho das empresas capitalistas e reduzindo sua autonomia. A subordinação dos produtores independentes não depende do clássico critério da propriedade dos meios de produção. Este trabalho demonstra como a relação de subordinação no capitalismo pode passar por outros caminhos, principalmente pela monopolização de certas fases da produção e da comercialização do produto final, assim como pela relação entre empregador e empregado. Em outras palavras, o produtor direto detém uma parte dos meios de produção (no caso: máquina de costura, tesouras, agulhas, ferro de passar

roupa etc.), mas trabalha sobre uma matéria-prima que não é sua; continua a exercer controle total sobre o processo de trabalho nas fases que executa, porém, em outros aspectos, está totalmente subordinado ao capitalista.

A segunda dimensão deste trabalho mostra que as características do tipo de subordinação referida anteriormente determinam que este setor específico empregue apenas mulheres neste tipo de tarefa, tanto do lado da demanda capitalista, condicionada pela necessidade de flexibilidade e de economia, quanto da oferta de uma mão-de-obra que pode combinar atividades domésticas e atividades produtivas. É neste sentido que a autora desenvolve a idéia de que "a feminização do trabalho a domicílio acompanhou uma mudança substancial na visão do papel da mulher na sociedade, que persiste no capitalismo moderno". Vale destacar aqui a recusa implícita da autora de se aliar a teses feministas paranoicas que vêem a subordinação feminina como um processo unívoco. Este estudo demonstra, através de uma pesquisa histórica minuciosa, que o papel da mulher no mundo do trabalho e na família não se processou sempre no mesmo sentido.

A demonstração de uma inserção específica da mulher na estrutura de emprego aparece não somente no estudo das condições objetivas de uma relação de trabalho determinada, mas se revela também na percepção dessas mulheres de sua subordinação pela posição que ocupam na organização familiar e das vantagens (flexibilidade e "domesticidade") desse tipo de inserção no mercado de trabalho.

A indústria de confecção é exemplo marcante de como o capitalismo pode envolver relações de produção ambíguas e múltiplas que existem em paralelo e inter-relacionadas com o novo foco dinâmico. O livro de Alice Abreu é exemplo marcante de que o estudo pontual de um objeto concreto de dimensões restritas pode ter um alcance teórico muito mais amplo do que seu título sugere.

A tendência recente na sociologia brasileira, frequentemente deplorada, à escolha de objetos cada vez mais limitados no tempo e no espaço, em estudos que evitam uma elaboração teórica da problemática sugerida, encontra aqui uma feliz exceção. A mente científica inquieta, que não se satisfaz com modelos batidos e regras e códigos rigidificados de trabalho sociológico, produz uma contribuição importante não só ao conhecimento de uma parte específica do mundo do trabalho no Brasil, mas também à reelaboração teórica sobre as relações de trabalho no capitalismo moderno.

Maria Lucia Maciel
Departamento de Sociologia
UnB